

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: fonte inspiradora no cuidado da Casa Comum

Introdução

Há uma convicção geral que o **“cuidado da Casa Comum”** é tão importante para o presente e o futuro da humanidade que todas as tradições humanistas, científicas e espirituais, devem ser mobilizadas para contribuir com essa causa. Dessa convicção surge a pergunta: a **espiritualidade inaciana** tem alguma inspiração própria para colocá-la a serviço do cuidado da Casa Comum?

O objetivo deste artigo é demonstrar que sim: nos Exercícios Espirituais de S. Inácio encontramos preciosas indicações que ajudam a fundamentar novas compreensões e novas respostas diante desta aspiração tão forte no contexto atual da humanidade.

Nesse sentido, a **espiritualidade inaciana** vai além de uma determinada experiência religiosa; ela se expressa como uma **“atitude amorosa”** para com a natureza e todas as criaturas.

A experiência inaciana dos Exercícios desperta uma **“atitude contemplativa”** que nos impulsiona a buscar e encontrar Deus em todas as coisas da natureza e da vida humana.

A recomendação inaciana: *“e sejam frequentemente exortados a procurar em todas as coisas a Deus nosso Senhor... amando-O em todas as coisas, e amando a todas n’Ele”* (Const. 288) não significa frieza e distância da Criação, senão máximo respeito e cuidado para com as obras do Criador.

Assim, a espiritualidade inaciana, através da **contemplação reverente**, nos faz mergulhar nesse “mar cósmico”, que deixa transparecer a presença divina. *“Sentir Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”* nos conduz à iluminação, à profunda serenidade e à integração com o universo.

Daqui brota uma atitude de respeito, de reverência e de cuidado para com todas as criaturas. Elas são portadoras do “mistério do mundo”, são todas “grávidas de Deus”.

A **espiritualidade inaciana**, portanto, é aquela que nos ajuda a superar as **dicotomias** na busca da unidade e da totalidade: ciência e mística, mundo físico e espiritual, corpo e espírito, céu e terra... tudo se encontra em profunda harmonia e em íntima intercomunicação.

Sem dúvida nenhuma, hoje, a consciência ecológica instiga a nos posicionar de maneira diferente no Universo e a levar a sério a responsabilidade que temos diante da Criação.

O próprio S. Inácio se extasiava diante do cosmos, que abria para ele um espaço de **“totalidade”**, onde a graça de Deus, depois de consolá-lo, enchia sua vida de um desejo sempre maior de **servir** ao Criador e ao próximo. *“A maior consolação que descobrira então era **contemplar** o céu e as estrelas. Fazia-o muitas vezes e por muito tempo, porque com isto sentia em si um muito grande esforço para **servir** a Nosso Senhor”* (Aut. no. 11).

Para S. Inácio, não existia um dualismo entre **homem** e **natureza**, pois tudo é pensado e sentido globalmente a partir de Deus. E é na sintonia com a presença de Deus que o ser humano encontra seu **lugar** e sua **relação** com a Criação inteira. Tudo causava admiração e encantamento. Sentia, estremecia, vibrava, ficava encantado com a Criação e sua insondável vitalidade.

“Ao ver uma planta, uma pequena erva, uma flor, uma fruta, um pequeno verme ou qualquer outro animal, S. Inácio contemplava e levantava os olhos aos céus, penetrando no mais interior e no mais remoto dos sentidos” (Pe. Ribadeneira).

A partir de sua experiência, S. Inácio, nos Exercícios Espirituais, nos ajuda a mudar a imagem do **“mundo”** e das **“coisas”**, a perceber o mundo de outra forma, a vê-lo com os olhos de Deus e a descobrir nele e na história a presença, a ação e o amor do Criador.

O **mundo** onde vivemos e o **cosmo** que nos envolve são **“dom”** de Deus para a humanidade. Não é o inimigo de quem devemos fugir; é o espaço de Deus e de sua relação conosco e nossa com Ele, onde **“Deus trabalha”** para nós, onde podemos encontrá-Lo e ter acesso a seu amor.

Tal experiência nos propicia uma fecunda mística cósmico-teológica. A Terra não é o lugar para a espoliação e a devastação, mas para o louvor e o serviço a Deus.

Ela não foi criada para o alimentar o consumismo, mas para ativar a vida; não é para que uns poucos se apropriem dela como donos, mas para abrigar e alimentar a todos; não é campo para a guerra, mas para a convivência fraterna, a solidariedade, a justiça e a paz.

Com isso, a ecologia se converte numa aventura espiritual que nos permite construir uma espiritualidade ecológica e nos ensina a abraçar o Cosmos e o Deus do Cosmos.

EE: da ecologia interior ao cuidado da “Casa Comum”

O termo “**ecologia**” não se refere apenas a uma preocupação com o meio-ambiente, ou seja, aos ecossistemas em seu instável equilíbrio. Engloba também toda uma “**ecologia interior**”, própria do ser humano, ou seja, o “mundo” de sua psique, de seus afetos, de seus dinamismos, de sua espiritualidade, de suas relações básicas, quer consigo e com os outros, quer com o mundo e com Deus.

Cada um de nós é um microcosmos, e é no **coração** deste pequeno mundo que devemos iniciar a tarefa do **cuidado ecológico**. Depois, ela deve se expandir na direção do **tecido social**, ao qual pertencemos; a partir daí, naturalmente, cuidaremos da **ecologia ambiental**, o lar onde habitamos.

A crise ecológica mundial nasce como conseqüência dos nossos desertos espirituais. A destruição dos ecossistemas planetários é um sintoma que indica uma falta de cuidado com a própria interioridade. Projetamos nos ambientes externos as mazelas que tomam conta do nosso coração. A injustiça social e a degradação ambiental têm início na degeneração de nossos pensamentos, sentimentos, palavras e ações. Nós não podemos cuidar do próximo e da natureza se nos descuidarmos de nós mesmos. Quando colocamos ordem, equilíbrio e harmonia em nosso interior, naturalmente, nos tornaremos ativistas entusiastas e cuidadores, inspirando e despertando outros a assumirem a responsabilidade que lhes cabe nesta nobre missão humanizadora.

À luz dos EE, sobretudo do **Princípio e Fundamento** e da **Contemplação para alcançar amor**, cada pessoa se sente envolvida no grande relato da Criação; há uma **irmandade universal** que aponta para a corrente única de **vida** e de sua imensa bio-diversidade, numa grande teia de inter-dependências e de comunhão de todos com a **Fonte** originante de tudo.

Segundo o relato da Criação, o ser humano vem da argila, do húmus... Por isso, ele é composto dos mes-mos elementos físico químicos da natureza: minerais, plantas, animais...

O universo inteiro mora, adormecido, dentro de nossos corpos. E o maior desafio é, justamente, a convivência e a harmonia com todo o Universo que carregamos em nosso próprio interior.

O poeta americano Walt Whitman nos legou uma frase maravilhosa sobre este tema: “*Eu sou contraditório, eu sou imenso. Há multidões dentro de mim*”.

Há multidões dentro de nós, não só de animais, plantas, pássaros, peixes, minerais... como também de homens e mulheres de todas as etnias, os jardineiros da criação divina. Portanto, a transformação do mundo tem início em nossos próprios corações.

Falamos, então, de uma “**ecologia profunda**”, pois ninguém consegue aprofundar um verdadeiro amor à natureza senão através de certo refinamento do seu espírito. Ter **espírito** significa ter capacidade de verdadeira relação e de criar unidade.

Por isso, a ecologia profunda pede uma atitude permanente de desarmamento interior, de superação de hostilidades e desativação de certas paixões descontroladas que levam à injustiça, à prepotência e à destruição.

Ecologia integral: somos parte do universo

“*Somos terra e esta é nossa casa, nossa irmã e nossa mãe*”. Assim começa o Papa Francisco sua encíclica “*Laudato si*”. No fundo desta encíclica, pulsa esta intenção: aspiramos nos salvar juntos, porque tudo nos afeta a todos no único mundo que temos.

A terra, nossa casa ameaçada por processos de aquecimento e ruptura dos equilíbrios da vida em comum, se converte cada vez mais em um imenso depósito de lixo.

Frente a uma realidade que apresenta múltiplos aspectos, todos intimamente relacionados, o Papa Francisco propõe uma grande virada no discurso ecológico, passando da ecologia ambiental à **“ecologia integral”**.

Ela cobre todos os campos: o ambiental, o econômico, o social, o cultural, o espiritual e também a vida cotidiana. A ecologia integral articula tanto o grito da Terra como o grito dos pobres (LS. 49).

“Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e simultaneamente, cuidar da natureza” (Laudato si’, n. 139).

O nuclear na Encíclica “Laudato si’” é afirmar que tudo é **relação** e que todos os seres estão entrelaçados, ou seja, que fazem parte de um todo e que existe uma série de relações que são indispensáveis para existir, subsistir e continuar neste mundo, onde nada existe fora da relação. *“Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa maravilhosa peregrinação, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma de suas criaturas e que nos une também, terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra”* (LS 92).

A **consciência ecológica** faz crescer um novo modo de pensar e de conceber o universo enquanto “teia de relações”. Isto significa que há uma unidade fundamental que perpassa todas as partes do universo, na forma de uma “rede”. Nenhuma espécie é autossuficiente; todas são interdependentes.

Nós, seres humanos, também fazemos parte desta vasta rede de inter-relações, conectados a todos os elementos da natureza, desde a menor célula até à vastidão do cosmos. Somos quem somos somente **na** relação e **por** nossa relação com todas as criaturas e com o próprio planeta.

O que é que nos une? O que é que nos põe em relação uns com os outros?

É a **“comunidade universal de vida”**, isto é, pertencemos a uma *comunidade cósmica de vida*, tal como foi criada e sustentada por Deus.

Há uma íntima relação entre nós, seres humanos, e a natureza. **Humanidade** e **Terra**, formamos uma única realidade esplêndida, reluzente, frágil e cheia de vigor. Viemos da Terra e voltaremos à Terra. Somos parte do universo, feitos do mesmo pó cósmico que se originou com a explosão das grandes estrelas vermelhas.

As mesmas energias, os mesmos elementos físico-químicos da Terra circulam por todo o nosso corpo, sangue e cérebro. Somos argila sobre a qual é soprado o espírito divino que anima e inspira.

A ecologia integral começa por uma mudança de mentalidade, por uma nova sensibilidade e deve levar-nos a uma simplicidade de vida, não consumista, solidária, defensora dos pobres e da natureza, agradecida ao Deus criador do céu e da terra.

A **conversão ecológica**, à qual o papa nos convida, afeta todas as dimensões da condição humana: a relacional, a social, a afetiva, a espiritual...

Na experiência dos EE, o desafio está em despertar a sensibilidade para assumir o **mundo** como um santuário que deve ser respeitado e cuidado, que é a morada de tudo, que foi a morada do Filho de Deus, e que continuará sendo a morada da Humanidade e de todas as criaturas.

E isso move o exercitante em direção a novas visões, a um novo estilo de vida, a uma nova sensibilidade para viver uma relação sadia com tudo e todos.

Já dizia Teilhard de Chardin que *“o progresso da humanidade se mede pelo aumento da **sensibilidade para com o outro**”* e não propriamente pelo crescimento econômico.

O processo das quatro Semanas dos EE: movimento que desperta a sensibilidade para

o cuidado da Casa Comum

O ponto de partida do processo dos EE é o **contexto** no qual se situa o exercitante: pessoal, social, eclesial, cultural, religioso, econômico... A dinâmica das quatro Semanas também permite que ele se situe no **contexto ecológico**, tornando mais profunda sua relação com o Criador, com os outros seres

humanos e com todas as criaturas. Ao mesmo tempo, ele vai experimentando uma reconciliação expansiva, a partir de sua própria interioridade, passando pelo encontro humanizador com os outros e pela sintonia com todas as demais criaturas.

A experiência de Deus, em meio à crise ecológica, capacita o exercitante para acolher o **dom da vida**, ativá-lo e alimentar o impulso para ser presença de vida em meio a tantas vidas feridas, destruídas... Como fruto do percurso, ele se sentirá mais fortalecido para atuar como pessoa cheia de esperança.

Os EE, portanto, são uma excelente mediação para abordar a crise espiritual que subjaz à crise ecológica de nossa época; eles oferecem um presente, sobretudo através da dinâmica das quatro semanas: o dom da **esperança**. Com este presente, o exercitante é capaz de superar qualquer paralisia e avançar para uma ação construtiva, transbordante e criativa.

g) Princípio e Fundamento (PF): experiência de integração

“Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra. O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos” (Laudato si’ n.2)

O núcleo da experiência bíblica é a tomada de consciência do **Amor divino** presente e atuante no mundo. Este mistério primordial da relação de Deus com a Criação constitui o centro mesmo da Revelação. A Criação é obra do **Amor exagerado** de Deus.

O PF, centrado na experiência bíblica, situa o exercitante diante do Deus Criador, que das suas “entranhas de misericórdia” faz brotar novidades surpreendentes em meio ao “caos”. A Criação aparece então como um grande **gesto de Amor** e todas as expressões de vida tornam-se a história da **fidelidade** desse Amor gratuito.

E foi do transbordamento do Amor divino que brotou a **vida**, pois o Amor é sempre criativo, original: ele cria e re-cria continuamente e desencadeia um movimento expansivo em direção à plenitude.

Tudo e todos tem impresso em seu ser mais profundo a marca do seu Criador, uma dignidade própria e maravilhosa. Por isso o Universo é sagrado e é lugar de contemplação e encontro íntimo com o Criador. O Universo é o teatro da glória de Deus, isto é, da manifestação da presença divina. Deus é presença sempre atual que sustenta e habita a sua criatura.

Um universo que é fecundado pelo Amor de Deus é um universo abençoado, salvo e seguro.

Tudo está inter-ligado, conectado e enredado pelo Amor. Há uma comunhão universal de vida.

Tudo é **dom** do Amor; o Amor está **presente** em tudo; ele continua **trabalhando** e re-novando tudo, e em tudo **encontramos** vestígios dele. Esse amor é que faz com que a Criação seja a Casa Comum para todos os seres vivos.

A visão bíblica sobre a criação revela que existe uma pertença mútua, um parentesco cósmico, uma irmandade universal entre todos os seres. Fora de Deus, tudo é criatura.

E Deus cria o ser humano a partir da argila, indicando que a natureza dele é a mesma da terra. O ser humano tem uma relação visceral com a terra (em hebraico: “*adamá*”), de onde veio e para onde volta. Este não foi criado para ser senhor absoluto da criação, mas para cuidar com carinho e ser para com as outras criaturas como Deus é: amor e ternura. A criação é dada por Deus em função da vida.

A vida humana se desenvolve dentro da **criação** mediante uma rede de relações muito diversas: sociedade, cultura, economia e política, família, cosmos, etc.

Desse modo, olhar, admirar, amar, encantar-se, criar... são alguns dos mais nobres atos da existência humana.

Este sentimento de **comunhão** desperta o *louvor, a gratidão, a reverência, o cuidado...*

É a partir desse pano de fundo que podemos compreender o significado da expressão “*as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano...*” (EE. 23).

Esta relativização das “*coisas*” em função da finalidade da vida humana não deve conduzir a uma pura instrumentalização das mesmas, nem ao utilitarismo e à depredação da natureza.

As “coisas” não são consideradas, unicamente, como sendo uma mediação criada só para servir ao ser humano; elas são, na verdade, o “meio divino” onde cada ser humano descobre o sentido de sua própria existência; elas são, também, o lugar para entrar em sintonia com Aquele que é a Origem de tudo.

Por isso, o ser humano, ao se sentir em comunhão com a natureza, inspira-se no ato criativo de Deus, acolhe o dom da **presença divina** através de uma resposta oblativa e contemplativa e nunca como explorador que usa e abusa das criaturas.

É esta a “**experiência mística**” que brota da relação com a natureza; mergulha-se no coração do cosmos, sentindo aí o pulsar de uma **vida maior**.

b) 1ª. Semana: relação rompida

“Essas situações provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo. Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (Laudato Si’ n. 53)

Todos somos filhos e filhas da Terra. Mais ainda, como humanos, somos a própria Terra em seu momento de sentimento, de pensamento, de amor e de veneração. Historicamente cometemos um sacrilégio: rompemos a **aliança fundamental** com todo o universo, quebramos a solidariedade cósmica pela qual nunca existiríamos sozinhos, mas co-existimos e inter-existimos uns pelos outros, com os outros e para os outros. Separamo-nos da **comunidade planetária**, colocando-nos acima de todos os seres, ao invés de vivermos a comunhão com eles.

O **meio ambiente humano** e o meio **ambiente natural** se degradam juntos, e não poderemos encarar adequadamente a degradação ambiental se não prestamos atenção às causas da degradação humana e social.

Na perspectiva bíblica, o **pecado** aparece em primeiro lugar como a **ruptura de uma aliança** com o Criador, com os outros e com as criaturas. Cometemos um **pecado ecológico**. Ficamos surdos e mudos diante das mil mensagens que nos vem de cada ser e do universo inteiro. O **pecado** se mostrou como uma força de desintegração com nossa Fonte Original, conosco mesmos e com o todo.

Na **primeira semana** dos EE, o exercitante aprofunda o alcance da crise ecológica. Não é uma semana fácil. Pode-se centrar em um assunto concreto ou oferecer uma visão mais generalizada da crise. Aqui pode aflorar até que ponto cada exercitante se encontra alienado da Criação ou se ele perdeu a consciência de pertença à terra. Não se trata de exercícios para alimentar culpas.

Torna-se natural, então, que a sensação de desenraizamento, e as condutas perniciosas que ela ocasiona, se convertem em um dos focos da oração. Começa a reconciliação com a Criação.

Por trás da palavra “**pecado**” se esconde o **drama** das grandes rupturas, tanto na relação com o Criador, como na relação com os outros e com todas as criaturas. Esse drama mostra-se trágico, pois revela uma aparente situação insolúvel que dilacera o coração e estraçalha a esperança humana.

A experiência do pecado é de desvio de rota, de frustração da própria vocação de ser jardineiro e cuidador, experiência que desumaniza e faz viver uma existência vazia; com isso, o ser humano passa a viver exilado, desterrado, solitário... entre brutos animais (EE 47,5)

Sua comunhão sagrada com a natureza, sua fonte de vida e de significado, foi substituída por um profundo **desespero**. De fato, ele lavrou seu próprio “**inferno**” (EE 65-72)

Hoje constatamos as chagas ecológicas estampadas por toda parte e os próprios seres humanos deformados pela miséria e exclusão. Não foi levado em consideração a **vulnerabilidade** dos equilíbrios vitais dos ecossistemas. Nesse sentido, crescem as situações em que os seres vivos e o próprio ser humano encontram-se fragilizados e ameaçados em sua sobrevivência e desenvolvimento.

A degradação do ambiente natural e social fragiliza e ameaça o próprio ser humano.

O drama do ser humano é perder a memória de que é parte do **todo**: seu instinto de posse e domínio o leva a romper a relação cordial com todas as criaturas, caindo num devastador vazio existencial. A “centração em si mesmo”, sem levar em conta a rede de **relações** que o envolve, provoca a quebra da

“re-ligação” com tudo e com todos. Este é o veneno que corrói o ser humano por dentro: petrificação de sua interioridade, a perda do gosto pela verdade, pelo belo e pelo bem, o extravio da ternura e da transcendência, a atrofia da comunhão com o todo cósmico...

Diante da **Misericórdia reconstrutora** de Deus, o exercitante toma consciência que o ser humano está procedendo de maneira destrutiva contra a natureza e contra si mesmo, produzindo um verdadeiro colapso ecológico e humano. Há uma **crise ecológica** que se alastra rapidamente, corroendo o equilíbrio vital que sustenta a Criação toda.

A natureza está sendo *“desnaturada”* e o ser humano *“desumanizado”*. Esta crise aponta para um ser humano doente e a doença consiste justamente na separação entre o ser humano e a natureza, no esquecimento de seu parentesco e solidariedade.

A **crise ecológica** é a própria crise do ser humano. A *“oikós”* (casa) está em ruínas, devido à maneira como ele a habita; arranca pedaços dela para satisfazer seus interesses individuais e não se dá conta que está destruindo seu próprio habitat. Em termos inicianos, podemos qualificar tudo isso de **desolação comunitária**: o lugar pós-moderno do **inferno**.

No entanto, a revelação cristã afirma: o ser humano é **resgatável**. Ele não está condenado definitivamente à condição de pecador; ao contemplar o universo desolado e devastado, a **misericórdia** de Deus faz brotar do seu interior uma *“exclamação de admiração com intenso afeto”* (EE. 60).

Na oração, o exercitante considera a fidelidade com que o sol ilumina a terra para que a vida se desenvolva e se multiplique; a fidelidade com que a rotação do planeta lhe traz a noite e o repouso. Ele recorda como a água limpa, o ar e a boa alimentação lhe sustentam cotidianamente; como a madeira das árvores o protegem dos rigores do tempo, como as fibras das plantas e dos animais lhe servem de abrigo; recorda como os micróbios produzem antibióticos para curá-lo. Ele fica admirado e assombrado diante da generosidade da natureza que lhe proporciona todas as coisas boas em abundância.

Do mesmo modo, faz memória do amor, dos cuidados e dos sacrifícios de muitas pessoas que tornam sua vida mais fácil e enchem-na de alegria.

Portanto, é preciso uma *“conversão ecológica”*, uma *“metánoia”* e uma nova espiritualidade, que implique arrependimento, mudança de mente e de coração, novas atitudes e novas relações.

O cuidado, na relação com as pessoas e as criaturas, será a atitude mais adequada e imprescindível para a nova presença do exercitante em seu contexto. Para isso, ele precisa de uma mudança de rumo e de mentalidade; precisa se recapacitar, reconciliar-se e modificar suas atitudes e práticas, no espírito da primeira semana dos EE.

c) Segunda Semana: “...e o Verbo se fez mundo”

“Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia” (Laudato si’ n. 99).

Na 2ª. Semana dos EE, os grandes relatos inicianos (Exercício do Reino, Encarnação, Duas Bandeiras, Três classes de pessoas) e as contemplações alimentam a relação do exercitante com Jesus, que sempre manteve uma relação íntima e sadia com toda a Criação.

A segunda semana dos EE é crucial para forjar a dimensão apostólica do(a) seguidor(a) de Jesus. Por isso, o contínuo processo de *“conversão ecológica”* entra numa nova fase. Trata-se de passar da admiração, que a ação fascinante do Deus criador provoca, ao compromisso e à radicalidade de vida que se espera do discípulo do Senhor Jesus. Não há tal conversão se não implica uma transformação de seu estilo de vida, de sua conduta pessoal. A espiritualidade iniciano se configura como uma espiritualidade de eleição e seguimento.

No centro da fé cristã está a verdade de que, em Jesus Cristo, Deus se **humanizou** para redimir o mundo. *“O Verbo se fez carne e habitou entre nós”* (Jo 1, 14). **“Carne”** significa o que é material, perecível,

vulne-rável, finito... Ao se tornar **carne**, o Verbo de Deus confere bênção sobre toda a realidade terrena em sua dimensão material e, além disso, sobre o cosmos em que a Terra existe.

Dito em termos cosmológicos e ecológicos, significa que em Jesus encontram-se os mesmos *elementos* com os quais todos os seres e corpos são compostos; suas raízes se encontram na Via Láctea, seu berço é o sistema solar e sua casa é o planeta Terra.

Isso nos leva a um mais profundo reconhecimento de que a Terra e o que ela contém fornecem o material para o presépio de Deus e sua presença no mundo.

A **Encarnação** enraíza Jesus no cosmos. O Filho se vestiu de toda essa realidade quando se “humanizou” Essa realidade nos faz entender por que a **encarnação** não atingiu apenas o homem Jesus, mas a todos os humanos e toda a Criação. Todos, por serem irmãos e irmãs de Jesus, estão chamados a serem assumidos, cada um a seu modo, pelo **Verbo**.

A **Encarnação**, por outro lado, aparece como um processo em curso. O **Verbo** continua emergindo da matéria do mundo e da massa humana até “*crisificar*” o inteiro universo para introduzi-lo no Reino da Trindade.

Na **Encarnação** e no **Nascimento** de Jesus Cristo, Deus realiza um verdadeiro casamento com a humanidade e com o planeta Terra, com todas as suas riquezas naturais. Jesus “*desce*” aos rincões da humanidade e da natureza; a partir daí sua Luz brilha e ilumina todo o universo.

Com efeito, a **Terra** acolheu Jesus como acolhe toda pessoa que vem a este mundo.

É a casa verdadeira, a mais básica. Jesus sentiu a companhia desta **Terra** que é irmã e mãe.

Os Evangelhos destacam de muitas maneiras a boa relação que Jesus teve com a **Terra**. Desfrutou dos caminhos trilhados, dos campos semeados, do vento que se assemelha ao Espírito, das árvores que usa como parábolas do Reino, das vinhas que são símbolo de sua oferta em novidade...

Experimentou a dureza da **Terra**, sua aspereza no deserto e o calor de seu abrigo; pisou o chão de terra batida, machucada, rasgada...Ele acalmou as águas turbulentas do mar; converteu a água em vinho; multiplicou os pães e os peixes. Ordenou aos olhos que recobrassem a vista, aos nervos que se reanimassem, à vida que vivificasse a um cadáver.

Teve uma mentalidade inclusiva porque, no fundo, entendeu que tudo estava relacionado e que as coisas e as pessoas espregam o mesmo horizonte.

Seu ministério começou com quarenta dias no deserto e terminou no horto do Getsêmani; Ele viveu experiências místicas na montanha (a transfiguração) e nas águas do Jordão (batismo). Seus relatos e parábolas utilizam as imagens da natureza para explicar o Reino de Deus.

Este é o Jesus com quem a relação do exercitante se faz mais profunda.

Na verdade, Ele chama cada um a sair de seu mundo fechado, de seu isolamento e padrões alienados de relacionamento para expandir-se em direção a uma nova forma de comunhão com tudo o que existe; tal **relação** é a concretização do sonho do Reino de Deus.

De modo especial, na meditação das **Duas Bandeiras**, S. Inácio nos apresenta uma situação na qual podemos reconhecer duas concepções básicas diante da **natureza**: uma, que nos situa numa relação amorosa com ela, vendo-a como amiga e companheira, e outra, que nos faz considerá-la como algo que deve ser dominado e usado.

Estas duas concepções tem um impacto profundo em nossa maneira de viver: a **primeira** nos ajuda a levar uma vida inteligente, construtiva, cuidadosa, que honra as outras criaturas e os seres humanos e nos enche de um sentido de *esperança cósmica*; a **segunda**, ao contrário, nos induz a uma atitude destrutiva e violenta, para com as criaturas e os seres humanos, e nos enche de um sentido de *pessimismo cósmico*.

Alistar-se sob a Bandeira de Cristo implica uma “conversão ecológica” profunda, uma paixão pelo cuidado do mundo, um novo estilo de vida, uma simplicidade, sobriedade, novos modelos de produção e consumo, corresponsabilidade coletiva...

Isto significa que o discípulo de Jesus deve apresentar um **estilo de vida** completamente contrário à ética do individualismo consumista e do domínio competitivo do mundo atual.

Trata-se de investir em outro estilo de vida, que supere o mecanismo consumista compulsivo: “*Quando as pessoas se tornam auto-referenciais e se isolam em sua própria consciência, aumentam sua*

voracidade. Quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir” (Laudato si’, n. 204)

O processo das contemplanções da vida de Jesus culmina na **eleição** de um estilo de vida. E esta eleição se encarna nas pequenas opções de cada dia, para assim viver em harmonia com todos os seres da Terra, animados ou inanimados, compartilhando a mesma vida que nos une.

Quem entra em comunhão de vida com Jesus, conhece uma vida diferente, de qualidade nova, expansiva...

d) 3ª. Semana: o grito da Terra

“Hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (Laudato si’ n. 49)

O **mistério Pascal** constitui o núcleo central da fé cristã, ou seja, a morte e ressurreição de Jesus de Nazaré e a efusão do Espírito sobre toda a Criação.

A **3ª Semana** dos Exercícios oferece ao exercitante uma compreensão aprofundada do **sofrimento** de Jesus, que inclui sua união com todos os membros da comunidade de vida que sofrem.

Contemplar o Crucificado implica também “trazer à memória” todo o povo crucificado, ou seja, esta grande maioria da humanidade que vive explorada e marginalizada, vítima dos interesses de uma minoria. Por isso, crer no Crucificado implica fazer descer da Cruz todos os que estão dependurados nela.

Mas a imagem da crucifixão se aplica também à situação de nossa Terra: explorada, desertificada, contaminada, com a biodiversidade destruída e os oceanos transformados em cemitérios.

Por sua atitude de arrogância e de autosuficiência, o ser humano explorou exaustivamente a Terra herdada e a destruiu, depredou, aniquilou, tomou posse dela... Assim, não foi respeitoso para com o Criador que a ele reservou a missão de cuidar do seu jardim e de compartilhar os seus frutos.

Há um clamor generalizado que emerge da realidade desafiante enfrentada pela humanidade: o planeta **Terra** está gravemente enfermo. As conseqüências trágicas estão presentes por toda parte.

Estamos diante da **“Terra crucificada”**.

Numa ocasião alguém perguntou ao monge zen vietnamita Tich Nhat Hanh o que é que precisamos fazer para salvar nosso mundo. *“O que precisamos, antes de tudo – respondeu – é escutar em nosso interior o grito da Terra”*.

Como cristãos, este **grito** é entendido como o grito de Jesus na cruz, que condensa todos os gritos da humanidade explorada e da natureza espoliada. Na Paixão, buscamos experimentar, com Jesus, o sofrimento da Terra. Experimentamos Jesus sofrendo nas regiões marcadas pela seca, na terra cheia de cicatrizes pelas explorações do solo e das florestas, na contaminação do ar e da água...

Tal como Jesus, a **Criação** é também lugar do padecido, da harmonia quebrada, da bondade violentada, da beleza ferida... *“A criação geme em dores de parto”* (Rom 8,22).

Jesus e a Criação carregam a Cruz às costas até o Gólgota.

E aqui já não podemos repetir as palavras de Jesus na cruz *“eles não sabem o que fazem”*: todos somos conscientes de que a atitude prepotente e dominadora em nome do progresso e do consumismo causam danos irreversíveis à Terra. Ela geme em dores de parto, um parto que hoje se revela abortivo.

Experimentamos o vazio e a ausência de esperança que caracterizam o Sábado Santo.

e) 4ª. Semana: Ressurreição de Jesus, Ressurreição Cósmica.

“Todas as criaturas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente em que Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina” (Laudato si’ n. 83)

Na **4ª Semana** dos Exercícios e, através das contemplanções, o exercitante participa da alegria do Ressuscitado e reconhece a constante renovação de todas as coisas do universo.

A **Luz** das Aparições do Ressuscitado foi entendida como a aurora do primeiro dia da Nova Criação de todas as coisas. À luz deste **“novo dia”** de Deus, Cristo aparece como o primogênito de toda a Criação, que reconcilia todas as coisas no céu e na terra. O **“primogênito entre os mortos”** é também o **“primogênito de toda criatura”**, por quem todas as coisas foram criadas.

A novidade do universo é expressa nesta afirmação: *“Eis que renovo todas as coisas”*.

A **Ressurreição** de Jesus oferece uma perspectiva para perceber isto, enquanto a comunidade de vida se desenvolve e avança para a plenitude.

O **Cristo cósmico** surge então como motor da evolução, como seu libertador e seu plenificador.

S. Paulo vai dizer que *“Cristo é tudo e está em todos”* (Col. 3,11) e *“n’Ele todas as coisas tem consistência”* (Col. 1,17). Ele recapitula tudo.

Pela **Ressurreição**, romperam-se todas as amarras do espaço e do tempo. Cristo ganhou uma dimensão cósmica. A **evolução** se transformou numa verdadeira revolução. Nova história, nova criação está iniciada.

Portanto, a **salvação** é salvação de toda a Criação e de todas as criaturas.

O Reino de Deus não é um reino **“no”** céu, mas ele vem *“assim na terra como no céu”*. **Ressurreição e vida eterna** são promessas de Deus para os todos os seres desta terra.

O Deus que ressuscita os mortos é o mesmo Deus que chamou todas as coisas do nada à existência; Aquele que ressuscitou Jesus dos mortos é o Criador do novo ser de todas as coisas.

A **ressurreição dos mortos**, a **destruição da morte** e a **ressurreição da natureza** constituem os pressupostos para a eterna Criação, que participa da habitação do Deus vivo e eterno.

Na perspectiva da natureza, a **ressurreição** de Cristo significa que com Ele teve início a universal *“destruição da morte”* (1Cor. 15,26), e que se torna visível o futuro da Nova Criação, quando a morte deixar de existir.

Este é o lado cósmico da esperança da **ressurreição**. As forças do pecado e da morte, destrutivas e contrárias a Deus, são expulsas da criação, que é boa e, na presença do Deus vivo, esta se transformará em uma criação, eternamente viva.

A Criação **“no princípio”** está orientada para este fim. De acordo com isto *“toda a Criação geme conosco”* e esta é a verdadeira ressurreição da natureza.

Como **“seres já ressuscitados”**, sentimos hoje a urgência de seguir os caminhos de uma ética ecológica para que possamos nos situar, na Criação, em atitude participativa e de cuidado responsável. Cresce um novo modo de pensar e de conceber o universo enquanto **“teia de relações”**. Isto significa que há uma unidade fundamental e uma vasta rede de inter-relações, conectados a todos os elementos da natureza.

Todos os seres, vivos e não vivos, são parceiros numa verdadeira **“dança cósmica”**, numa grande comu-nhão universal. Fazemos parte de uma **“rede”** de relações múltiplas e recíprocas, nas quais o próprio Cristo Ressuscitado se faz presente, como fonte de **vida**. Para chegar a viver o **Novo Céu** e a **Nova Terra** é preciso renovar radicalmente este céu tantas vezes opaco e esta terra tão violada.

f) Contemplação para alcançar amor: “Deus e Criação, diferenças que se amam”

“Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra”. (Laudato si’ n. 92)

Buscando explicitar uma visão mais cosmocêntrica da **“Contemplação para alcançar amor”**, uma visão que tudo integra e harmoniza, podemos apontar duas características da mesma:

- a primeira, é a visão integradora da espiritualidade inaciana, ao conceber a Criação como dom (EE 234);
- e a segunda, é a presença amorosa do Criador, que habita e atua na obra criada, ou seja, em tudo e em todos (EE. 236); isso só é possível apreciar e reconhecer, a partir da mística e da contemplação, mas sobretudo, a partir da experiência única e profunda do amor de Deus em cada um e em todas as suas criaturas.

S. Inácio convida o exercitante a buscar o “conhecimento interno” com a finalidade de se deixar afetar apaixonadamente, vendo a Criação como a obra amorosa do criador, como Deus a contempla em toda sua diversidade e suas contradições (EE 102-106), para ser redimida a partir da Encarnação.

Na “Contemplação para alcançar amor”, o exercitante é movido a considerar o modo como Deus habita e atua na criação, fazendo de sua existência uma atitude generosa de cuidado e proteção da Casa Comum. A presença divina des-vela, em cada realidade, o mais específico de sua identidade; por isso, todas as

coisas remetem a Deus. A realidade está coberta do mistério sagrado de Deus e de seu encanto em sua maravi-lhosa obra.

A **espiritualidade inaciana** reconhece uma imanência de Deus no cosmos; há uma “sacralização” do universo, enquanto Deus está presente nele. Deus está em tudo, tudo está em Deus, tudo se reflete dentro de Deus. A **Criação**, como dom recebido de Deus, situa-se no plano de uma “**sacralidade**” fundamental. O Universo é um grande **sacramento** e se transforma no espaço e no lugar de manifestação da divindade. Tudo é **sagrado**; a Matéria é **sagrada**; a Natureza é **espiritual**, porque é **Templo de Deus**. O **sagrado** invade toda a diversidade da vida e da criação.

S. Inácio considera Deus “**habitando**” nas criaturas: *nos elementos dando o ser; nas plantas, a vida vegetativa; nos animais, a vida sensitiva; nas pessoas, a vida intelectual*” (EE. 235)

Presença operativa e de amor, porque “**Deus é amor**”. E sendo **amor**, irradia vida, graça, dom... Todos os seres da terra são criaturas de Deus. Como tudo está ligado umbilicalmente a Deus, é a partir de Deus que encontramos o **todo**. Deus penetra no coração de cada coisa e cada coisa se encontra em Deus.

Partindo dessa experiência, as **criaturas** não são puro objeto de consumo, porque Deus “*se diz nelas, e ainda que não se esgote em nenhuma, nem em todas juntas, todas O refletem*”. Por isso mesmo “*podemos procurar, achar e amar Deus em todas as coisas e todas n’Ele*” (S. Inácio, Const. 288)

Enfim, o percurso dos EE desperta assombro e gratidão, sentimentos que impulsionam o exercitante a uma ação transformadora. Em uma palavra, ele se compromete com obras de amor. Inácio formula isto de maneira mais simples: “*o amor se manifesta mais em obras que em palavras*” (EE 230)

Quem ama cuida.

Somos cuidado

“*As Sagradas escrituras nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (Gen2,15). Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza*” (LS, n. 67)

A consciência **ecológica** propõe duas tarefas que são muito inacianas.

A 1ª é de **purificação**, de conversão e esvaziamento da “força dominadora” presente no coração humano diante de “*todas as coisas sobre a face da terra*”.

A 2ª é criar uma **mentalidade** nova, um **coração** novo, uma **sensibilidade** cósmica, no qual “*o louvor, a reverência e o serviço de Deus*” exijam uma atitude de **acatamento**, de **respeito** e de **cuidado** diante da Criação. Descobrir que nossa casa, é a casa de todos ou a “casa comum”, nos revela o desafio de compreender que as relações devem ser de responsabilidade e de solidariedade.

Contra a globalização do paradigma tecnocrático e antropocêntrico, o Papa Francisco apresenta um novo paradigma: o **cuidado da “casa comum”**.

A **conversão ecológica**, portanto, aponta para uma visão de ecologia integral e que se expressa na cultura do **cuidado**. Se a **sustentabilidade** representa o lado objetivo da gestão e distribuição dos bens, o **cuidado**, revela o lado subjetivo de valores éticos e espirituais que devem acompanhar nossas práticas.

Dentre todos os seres, só o ser humano poderá ser o cuidador e responsável da “casa comum”. Não será o senhor, o rei, o dono ou o soberano, mas o irmão, o hóspede, o cuidador ou o guardião.

Para alguns filólogos, **cuidado** deriva do latim “**cura**”. Expressa a atitude de **zelo**, **solicitude**, **atenção**, **bom trato**, **preocupação**, **envolvimento afetivo** e **sentido de responsabilidade** pelo outro e pela natureza.

Estamos diante de uma **atitude** fundamental, de um **modo** de ser mediante o qual saímos de nós mesmos para centrar-nos no outro e na realidade, com desvelo e solicitude. Trata-se de uma sensibilidade social e ecológica.

É o **cuidado** que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta. É o **cuidado** que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o **cuidado** que desperta encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta ternura face à fragilidade de um recém-nascido. Pelo **cuidado**, nos religamos ao mundo afetivamente, responsabilizando-nos por ele.

Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a **essência** humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no **cuidado**.

O **cuidado** é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência.

Cuidar é mais que um *ato* simples ou uma virtude ao lado de outras; é uma *atitude*, um **modo-de-ser**, isto é, o modo como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um *“modo-de-ser-no-mundo”* que fundamenta as relações que se estabelecem com todas as coisas.

Isto significa que o **cuidado** faz parte da constituição do ser humano. É um *“modo-de-ser”* singular do homem e da mulher. Fomos criados à imagem e semelhança do *“Deus cuidador e providente”*.

Sem **cuidado** deixamos de ser humanos. Por isso, para além do “ter cuidado”, *“somos cuidado”*; é da nossa essência, ou seja, no cuidado vamos construindo nosso próprio ser, nossa autoconsciência e nossa própria identidade.

“Ser cuidado” nos faz sair de nós mesmos, entrar em sintonia com todas as expressões de vida e comprometer-nos a “compor o lugar” da convivialidade, da interação e da comunhão. Afinal, *“somos casa comum”*

Somos Casa Comum

“O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum”
(Laudato si' n. 13)

Na consideração sobre a ecologia, é fácil cair na tentação dualista, segundo a qual nós, seres humanos, estaríamos frente a uma realidade complexa, como é a Natureza, mas diferente de nós, pelo qual poderíamos reduzir toda a problemática, considerando qual é nossa atitude diante da mesma. A Natureza apareceria assim como destinatária de nossa ação, objeto a cuidar e contemplar que, no melhor dos casos, nos abriria a perceber nela sinais da presença divina.

É preciso dar um passo a mais, reconhecendo a Mãe-Terra como **“Casa Comum”**. Oceanos, atmosfera, composição de solos, temperatura, tudo está relacionado como um grande tecido que faz da Terra um planeta excepcional com vida.

Sentimo-nos implicados com ela ao reconhecê-la como nosso “habitat necessário”, habitat por sua vez compartilhado com outros seres humanos e com todas as outras criaturas.

Somos e fazemos parte dessa realidade, dessa “casa comum”, que temos de cuidar e contemplar. A partir desse ponto de vista podemos entender como, efetivamente, não há separação possível entre a ecologia meio-ambiental e a ecologia humana, senão que ambas estão intrinsecamente relacionadas.

Somos, pois, **“Casa Comum”**, parte do entrelaçado de relações no qual vivem, convivem, muitas outras pessoas e criaturas, e muitas delas sobrevivendo em condições de grande penúria, escassez e violência. Cuidar da casa comum supõe, portanto, cuidar da maneira como somos *“casa”*, como influímos nas vidas de outras pessoas, como contribuímos para que se sintam acolhidas e acompanhadas em seu meio. E descobrir aí um desafio que vai muito mais além do mero cuidado de algo externo: cuidamos de nós mesmos, de nossa humanidade e da rede de relações que nos mantém vivos.

Nosso mundo está interrelacionado, fazemos parte da única terra, vivemos dentro de ecossistemas, atmosfera, vegetação, animais e seres humanos; fazemos parte desse ecossistema, mas não podemos destruí-lo sem afetar a todos; qualquer mudança repercute em todo o cosmos.

Dessa constatação, nasce a consciência de profunda unidade e identificação com a **Terra** e com sua imensa diversidade. Somos **um** com ela. Por sentirmos filhos e filhas da **Terra**, por sermos a própria **Terra** pensante e amante, devemos vivê-la como **Mãe**. Representa o feminino que concebe, gesta e dá à

luz. Ela tudo acolhe e tudo recolhe em seu seio. Ao morrermos, voltaremos à Mãe Terra, regressaremos ao seu útero generoso e fecundo.

Sentir que somos **Terra** faz-nos ter os pés no chão; faz-nos perceber tudo da Terra é sagrado e, por isso, deve ser cuidado.

Sentir-nos Terra é perceber-nos dentro de uma complexa comunidade de seres vivos. É a diversidade incontável de seres vivos, animais, pássaros e peixes, nossos companheiros dentro da unidade sagrada da vida. A Terra produz, para todos, condições de subsistência, de evolução e de alimentação, no solo, no subsolo e no ar. Terra, nosso lar comum.

Sentir-nos Terra é mergulhar na comunidade terrenal, todos filhos e filhas da grande e generosa Mãe.

Conclusão

Não há dúvida que, a partir da experiência dos Exercícios Espirituais, o exercitante percebe uma nova profundidade na realidade, ao ver as coisas sempre com um significado diferente, pois todas elas lhe falam da presença e da atividade de Deus, atravessadas por um amor criativo e ativo.

A preocupação pelo cuidado da **“Casa Comum”** não é opcional para quem deseja viver o seguimento de Jesus, a partir da espiritualidade inaciana. Afeta a todos e todos teríamos de pensar um modo de atuação eficaz, militemos ou não em algum movimento ecológico.

“Ser protetores da obra de Deus é parte essencial de uma existência virtuosa, não consiste em algo opcional nem em um aspecto secundário da experiência cristã” (Laudato si’, n. 217).

A implicação no cuidado da **“Casa Comum”** não é um complemento à nossa espiritualidade. O desafio está em que essa implicação seja, ela mesma, espiritual, ou seja, **“ecologia com Espírito”**, motivada por Ele, alentada e inspirada por Ele e seu projeto de novos céus e nova terra.

Na experiência espiritual dos Exercícios, nos é pedido que mergulhemos no **“chão da vida”**, como as raízes na obscuridade, na presença do silêncio. O movimento de enterrar profundamente as raízes possibilita alcançar a seiva, o pulsar da vida e o equilíbrio.

Sentir que somos Terra faz-nos ter os pés no chão da vida e viver em comunhão com a comunidade das criaturas. A hora é de somar em prol da vida e no cuidado de todos os seres da Terra.

Faz-se necessário, portanto, lançar raízes no mais profundo de nós mesmos e despertar todas as energias criativas, todas as grandes motivações adormecidas, toda bondade aí presente, toda decisão de assumirmos como cooperadores e artífices de um novo tempo.

Da experiência de *“amar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”*, nasce uma espiritualidade radicalmente **“mundana”**, de contemplação do mundo e de ação no mundo. Libertados da relação egoísta para com as criaturas, nós nos tornamos orantes e cooperadores permanentes do Projeto salvífico de Deus.

Ao nos sentir conduzidos pela força do Espírito, que alimenta as energias do universo e a nossa própria energia vital e espiritual, caminhamos em direção a horizontes cada vez mais abertos e mais inspiradores.